



## RAÇA E GÊNERO COMO FATORES DA VIOLÊNCIA POLÍTICA

<sup>1</sup>Isabela Lima Oliveira (IC- discente de IC com bolsa CNPq); <sup>1</sup>Felipe de Moraes Borba (orientador).

<sup>1</sup> –Escola de Ciência Política; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: Raça; Gênero; Violência Política; Brasil.

### CORPO RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo entender a relação entre fatores de gênero e raça com a violência política vivenciada por diversas lideranças. O tema é essencial para entendermos quem tem mais obstáculos para acessar e se manter na vida política e se as ações feitas – como projetos de lei para coibir a violência política de gênero – são suficientes para proteger mulheres e se artifícios similares podem ser usados na proteção de lideranças não brancas. Assim, para além de um trabalho quantitativo, o mesmo se propõe a mostrar um panorama da violência política, tão nociva para a democracia brasileira.

### INTRODUÇÃO

O tema da violência política é um fenômeno já estudado devido à gravidade que representa para a democracia e, em períodos eleitorais, os danos causados por essa prática costumam ser maiores (Bahia, Borba, Carnevale e Israel, 2022). Concomitantemente, as violências de gênero e raça se estendem ao âmbito político a fim de tirar esses grupos da vida pública (Krook, 2020) mas, desencorajar, violentar esses grupos significa também uma agressão a quem eles representam. Ou seja, a própria possibilidade de acúmulos de violências, política quando associada ao gênero ou à raça, torna o cenário mais preocupante para pessoas não brancas e mulheres que desejam disputar às eleições municipais, estaduais ou federais, mas possuem uma série de obstáculos no processo e mesmo depois de eleitas. A violência política afeta não só os funcionários da administração pública, eleitos ou não, mas também seus familiares, que muitas vezes, por terem um vínculo próximo do principal alvo, acabam sendo utilizados como meio de atingir e desestabilizar algum político. Nesse sentido, identificar as ocorrências de violência política, como ocorrem e contra quem são é essencial para que medidas, no sentido de coibir esses atos, sejam tomadas e nenhum grupo se sinta desencorajado a concorrer nos pleitos bianuais, sendo a própria possibilidade um risco à democracia brasileira.

### OBJETIVO

O objetivo geral do presente trabalho é identificar se há relação entre os tipos de violência política coletados desde 2019 pelo Observatório de Violência Política e Eleitoral (OVPE) e o gênero e a raça da vítima em questão. Também serão trabalhadas as categorias de subtipo de violência, ou seja, qual foi a forma da violência. Dessa forma, identificar quais tipos de violência mais afetam mulheres e pessoas não brancas e identificar como políticas ao combate de violência de gênero e raça na política podem ser mais eficazes.

### METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida neste estudo sobre violência política e a relação com gênero e raça envolveu a consulta do banco de dados do Observatório de Violência Política e Eleitoral, o qual é fornecido com casos de violência captados com auxílio do Alerta Google. O corte temporal escolhido foi desde o primeiro trimestre de 2019, quando o banco começou a ser sistematizado, até o segundo trimestre de 2024, que incluem os dados mais recentes divulgados. Para desenvolver a pesquisa foi utilizado o programa R e analisei a frequência e porcentagem dos gêneros



e raças das vítimas registradas, sabendo que as categorias utilizadas são as disponibilizadas no site do Tribunal Superior Eleitoral. As categorias de divisão dos tipos de violência são as utilizadas por Mona Lena Krook "Violence Against Women in Politics" em que a mesma divide em cinco grupos as violências sendo eles: Econômica, Física, Psicológica, Semiótica e Sexual. Já os subtipos utilizados são os caracterizados pelo OVPE e a categorização é feita pelos pesquisadores do observatório. Em relação à verificação de correlação entre as variáveis de tipo e raça e as variáveis de tipo e gênero, foi utilizado o Teste Exato de Fisher com um alpha de 0,05, ou seja, se p - valor for maior que esse número, é rejeitada a hipótese nula. Na análise da existência de correlação entre as variáveis sexo e tipo e sexo e subtipo, a hipótese nula é de que não há relação entre as variáveis e a hipótese não nula seria de que há relação entre as variáveis, com o mesmo valendo para as análises das relações entre as variáveis raça e tipo e raça e subtipo.

## RESULTADOS E CONCLUSÕES

Na primeira análise sobre o perfil das vítimas de violência eleitoral, temos aproximadamente 21,4% de mulheres e 41.2% de pessoas não brancas e a partir desses dois parâmetros, analisei como esses grupos são representados em cada tipo de violência. O importante de analisarmos é se as mulheres se mantêm como aproximadamente um quinto das vítimas nos tipos de violência analisados e se as pessoas não brancas como cerca de 40%, ou seja, se os grupos seguem o mesmo padrão quantitativo geral.

Tabela 1: Sexo das Vítimas

Perfil	Frequência	Percentual
Feminino	498	21.4
Masculino	1,828	78.6

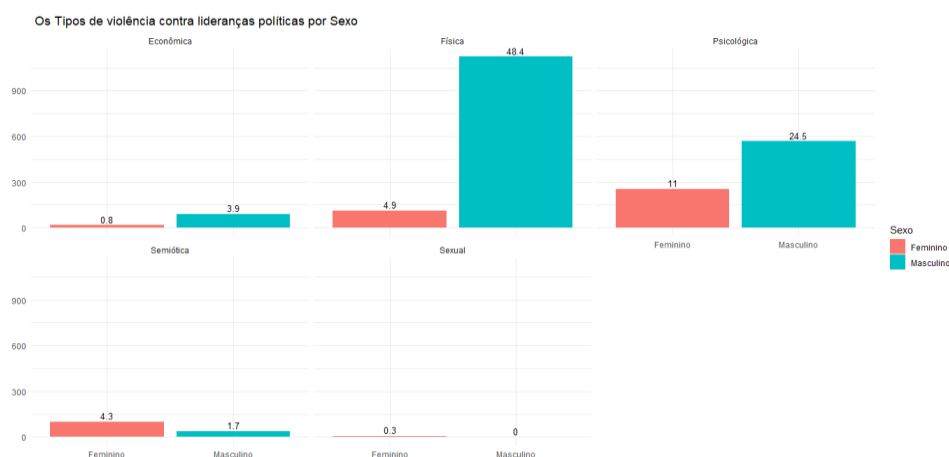
Tabela 2: Raça das Vítimas

Perfil	Frequência	Percentual
Amarela	17	0.7
Branca	1,077	46.5
Indígena	10	0.4
Não informado	283	12.2
Parda	661	28.5
Preta	270	11.6

Fonte: Observatório de Violência Política e Eleitoral (OVPE)

Como podemos ver, nas violências semióticas, psicológicas e sexuais as mulheres são mais de 21.5% dos casos totais registrados nessas tipologias. Do total das vítimas de violência psicológica, quase metade são mulheres, na violência semiótica elas representam mais de 70% do total das vítimas e na categoria de violência sexual, apenas um homem sofreu esse tipo de violência em comparação com 8 mulheres vítimas. No teste de correlação, a hipótese nula não é rejeitada, ou seja, as variáveis tipo e sexo são correlacionados.

Gráfico 1: Os Tipos de Violência de Violência contra Lideranças por Sexo

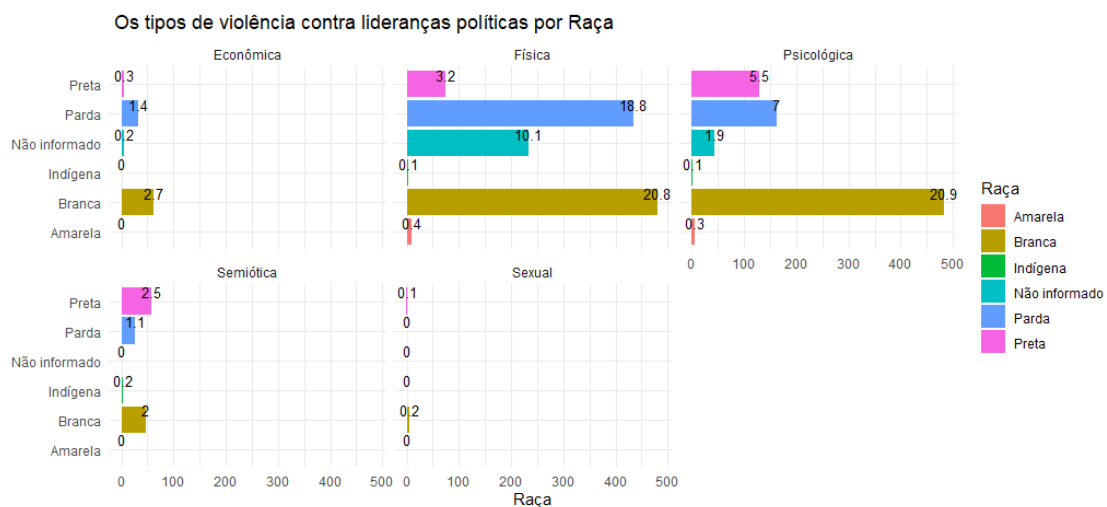




Fonte: Observatório de Violência Política e Eleitoral (OVPE)

Em relação à raça das lideranças, nas violências semiótica e física, essa última que inclui homicídios, as vítimas não brancas representam mais de 41% nessas categorias e na violência sexual, se manteve a porcentagem da Tabela 1. Na categoria de violência física, as pessoas não brancas são mais afetadas, mas o dado realmente preocupante é que quando analisamos os subtipos, 62% das pessoas vítimas de homicídios são não brancas, assim como seus familiares são mais afetados na mesma categoria. Das ocorrências de violência semiótica 65% são contra pessoas não brancas. No teste de correlação, a hipótese nula não é rejeitada, ou seja, as variáveis tipo e raça são correlacionados.

Gráfico 2: Os Tipos de Violência de Violência contra Lideranças por Raça



Fonte: Observatório de Violência Política e Eleitoral (OVPE)

Com os resultados observados, podemos notar que enquanto as mulheres sofrem mais com as violências semióticas, psicológicas e sexuais, as pessoas não brancas sofrem mais com semiótica e física. Os dados mais preocupantes são em relação à violência física, em especial casos de homicídio e homicídios contra familiares de lideranças não brancas. Esses tipos de violências não afetam apenas a um grupo, mas ao próprio funcionamento da democracia. Casos emblemáticos como o do assassinato da vereadora Marielle Franco e, mais recentemente, da pré candidata a vereadora Nega Juh, e os dados descritos nesse trabalho nos mostram que a participação da vida pública, infelizmente, tem riscos e acaba sendo mais perigosa para um grupo que para outros.

## REFERÊNCIAS

BORBA, F., Israel, V., Carnevale, M. P., & Bahia, P.. Violência política e eleitoral nas eleições municipais de 2020 . **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 108, p. e3710803, 2022. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/tjmdXJJjJssjXZxWHvNsf/#>>. Acessado em 20 agosto 2024

KROOK, Mona Lena. Violence against Women in Politics. **Oxford University Press**. Nova York, 2020.

KROOK, Mona Lena; RESTREPO SANIN, Juliana. Gender and political violence in Latin America. Concepts, debates and solutions. **Polít. gob**, Cidade do México, v. 23, n. 1, p. 127-162, jun. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1665-20372016000100127&Ing=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-20372016000100127&Ing=es&nrm=iso)>. Acessado em 20 agosto 2024.